

# *A máquina de madeira:*

## Modernidade e modernização sob a perspectiva de um romance histórico

Márcia Mucha<sup>1</sup>

105

“Nos trópicos, tudo estragava mais rápido. Tudo envelhecia de maneira mais veloz. Ele mesmo, que não tinha ainda quarenta anos, já se sentia um ancião. Nem se fôssemos feitos de ferro suportaríamos a vida aqui, e no entanto somos feitos de madeira”.

Sanches Neto, *A máquina de madeira* (2012)

### Introdução

A produção literária de Miguel Sanches Neto tem recebido grande destaque no rol da literatura brasileira contemporânea. Ao longo de dezesseis anos foram muitas publicações, a começar com *Chove sobre minha infância* (2000) até *A bíblia do Che* (2016). Entre as suas produções tem-se *A máquina de madeira* (2012), uma obra de caráter histórico. Essa narrativa conta a vida do padre Francisco João de Azevedo (1814-1880), o qual, segundo o professor Carlos Fernandes, foi o inventor e construtor de uma

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Contato: marciamucha1407@gmail.com

das revoluções do século XIX, um modelo de máquina de escrever. Um protótipo acionado por pedais, como os de máquinas de costura, que funcionava perfeitamente bem.

*A máquina de madeira* apresenta personagens, conforme diz o narrador, de um Brasil que queria dar certo, mas algumas pessoas e suas decisões impediram que isso ocorresse. Narrada em terceira pessoa, em alguns momentos a voz das personagens perpassa as cenas para trazer à tona momentos do passado. A narrativa mostra o padre Azevedo como o dono de uma invenção revolucionária em um país escravocrata, com ideais de modernização limitados, o que culminou no não reconhecimento da mudança que essa máquina poderia proporcionar ao Brasil.

O desenvolvimento deste estudo está pautado, principalmente, no referencial teórico de György Lukács e de Linda Hutcheon, esta última com um estudo mais recente. Contudo, ambos norteiam a pesquisa no que se refere à narrativa histórica. O que postulou Mikhail Bakhtin foi usado para discorrer sobre questões ligadas à literatura e à estética. Já os estudos de Roberto Schwarz importam, aqui, pois são vistos como marco teórico dos estudos literários no Brasil, com influência tanto para a crítica como para a produção literária, em especial a romanesca; Silviano Santiago traz uma perspectiva mais contemporânea da política de globalização e reforça a questão da dependência cultural dos países periféricos; Thomas Skidmore enriquece a discussão sobre como a elite intelectual via a sociedade multirracial no final do império e início do século XX; Lilia Moritz Schwarcz faz um debate diante da formação identitária, além de traçar um panorama do Brasil no sistema imperial de D. Pedro II.

106

### **Desenvolvimento**

A obra apóia-se em uma personagem central, Francisco João de Azevedo, e a sociedade brasileira do período oitocentista para desenvolver uma trama que discute algumas questões como: exploradores e explorados; livres e agregados; os bastidores da corte e demais eventos europeus que contrastam

com o Brasil Colônia. Surge aí uma questão que vai moldando a identidade nacional na representação desse sacerdote. A fé e a ciência, as ideias de progresso e a tradição são exemplos desse descompasso que foi e ainda é, em certa medida, o Brasil de hoje.

O padre faz uma longa viagem, do Nordeste ao Rio de Janeiro, para trazer a máquina taquigráfica e mostrar à Corte, na Exposição Nacional (da década de 1860), do que a inteligência nacional era capaz. Contudo, a máquina destinada à escrita não despertou interesse nos investidores que estavam mais propensos a negócios relacionados à madeira e outras riquezas naturais. Nem mesmo o imperador, em quem Azevedo depositou demasiada esperança em receber patrocínio para melhor desenvolver seu invento, se deteve no grande feito do padre. Ficou apenas alguns minutos na sala em que se encontrava a máquina e seguiu pela exposição.

Nesse romance histórico Sanches Neto dá mostras do Brasil Império com suas mazelas e acenos de modernidade. A personalidade protagonista é o que Lukács estabelece a partir de uma análise da obra de Walter Scott:

107

A grande personalidade histórica é precisamente o representante de uma corrente importante, significativa, que abrange boa parte da nação. Ela é grande porque sua paixão pessoal, seu objetivo pessoal, coincide com essa grande corrente histórica, porque reúne em si os lados positivos e negativos de tal corrente, e porque é a mais nítida expressão, o mais luminoso pendão dessas aspirações populares, tanto para o bem como para o mal. (LUKÁCS, 2011, p. 55)

Para o autor, ainda, há uma peculiaridade no processo narrativo que entende não ser suficiente ir direto ao ocorrido, é preciso compreender todo o caminho trilhado por essa “personalidade histórica”. Nesse caso, em que momento da vida do padre ele se descobriu inventor e construtor, depois, com a formação de uma família que não seguia os preceitos socialmente instituídos, ou ainda, as dificuldades que ele teve quando intencionou mostrar seu grande feito “ao mundo”, são exemplos de acontecimentos que o romance de Sanches Neto traz.

O texto é conduzido de maneira a fazer uso recorrente de analepse. Essa apresentação do passado assume um caráter específico, remete o leitor

a uma narrativa singular e esse “relato tardio também faz parte dos meios artísticos utilizados para pôr em seu devido lugar as vivências que ocorreram na vida de um homem significativo” (LUKÁCS, 2011, p. 380). O padre Azevedo é esse homem que, pela ânsia do progresso, representa uma formação identitária nacional e transita pelo caminho de articulações econômicas em prol de um feito que ele considerou ser uma revolução.

Essa personagem veio de uma família humilde, ficou órfão de pai logo cedo; do relacionamento dele com uma ex-escrava teve uma filha, com quem não pode estreitar laços familiares devido à censura social em decorrência da cor e origem de sua “esposa”, além do fato de também ser padre. Ainda, sozinho inventou e construiu uma “máquina de escrever”, a qual não pode chamar de sua quando em perfeitas condições de uso e produção, pois foi desenvolvida, patenteada e comercializada por pessoas de outro país. Esses fatores: “enriquecem a discussão sobre a formação da identidade nacional, com destaque para o antigo e irresolvido problema da falta de reconhecimento e de prestígio do labor que exige maior capacidade intelectual e inventiva” (WEINHARDT, 2015, p. 128).

108

Dessa maneira, a sequência do presente trabalho será no sentido de analisar, separadamente, os dois grandes capítulos de *A máquina de madeira*: “Londres” e “Nova York”, os quais, em alguns momentos, dão a impressão de se estar lendo livros distintos em uma única obra. Contudo, em uma análise geral, são textos que se cruzam e dizem muito sobre as representações da modernidade e modernização da sociedade brasileira.

As ações dessa personagem protagonista vão mostrando o crescimento urbano do Rio de Janeiro e as consequências desse processo sem planejamento; a necessidade de viver nos trópicos a vida cotidiana da Europa. Além do desenvolvimento econômico do país, não somente na corte, mas em outras províncias, fomentado pelo trabalho escravo. Contudo, a questão da técnica e da tecnologia ainda são tímidas nesse cenário.

### **Do Rio de Janeiro a Londres**

Conforme se verá ao longo deste texto, a construção narrativa de Sanches Neto é feita a partir de viagens, sejam elas realizadas ou simplesmente idealizadas por Azevedo. Na primeira parte da obra tem-se 10 subcapítulos nomeados conforme o conteúdo neles expresso. São 5 narrativas cronológicas que trazem, ao final de cada uma, certo distanciamento da matéria narrada até então. Os demais subcapítulos, que intercalam os 5 já citados, são notas jornalísticas muito breves que contrastam com o “progresso” que se tenta mostrar do Brasil Imperial desse período.

Essas mudanças pelas quais o país vinha passando são temas que estão em *A máquina de madeira*. A introdução da máquina, da tecnologia no cenário cultural difere da representação do padre, no primeiro capítulo, que ocorre pelas mãos, com rudeza de operário, não de religioso: “Começamos a morrer pelas mãos, pensou com tristeza. As mãos tinham mais idade do que ele, estavam se desgastando com muita rapidez” (SANCHES NETO, 2012, p. 11). Ele está apoiado à amurada do navio que saiu do Recife rumo ao Rio de Janeiro. É sob esta perspectiva que o narrador começa a delinear os próximos acontecimentos que, em sua maioria, se aproximarão mais desse aspecto descrito das mãos, da persistência do trabalho manual em detrimento da tecnologia.

109

Já de início se nota que a Corte não lhe agrada. A primeira vez que vem à cidade e não traz brilho nos olhos ao vê-la. Diferentemente dos passageiros do navio que admiravam encantados a cidade que se via cada vez mais, quanto mais perto da costa o vapor se aproximava, o padre não demonstrava entusiasmo. O Paço Imperial, o Ouvidor, os restaurantes ou os teatros deixavam as pessoas ansiosas pela chegada.

Enquanto esperava pela retirada de sua bagagem, era um inventor e um religioso que estavam sendo guiados apenas por convicção.

Quase tudo que projetara continuava sem existência, mas trazia ali um objeto. Não era um simples sonhador, algumas de suas ideias se faziam carne, e este foi o primeiro momento na viagem que padre Azevedo sorriu. Divertiu-se daquelas palavras bíblicas para se referir ao seu invento. (SANCHES NETO, 2012, p. 13)

Se a viagem do Recife ao Rio de Janeiro foi cansativa e nada agradável, a outra, que acabara de começar, levar a máquina até o seu destino, também não ofereceria boas lembranças. Antes desse percurso, porém, nem mesmo os carregadores se aproximavam do padre, um homem ao lado de um grande caixote. Parecia estar velando um defunto, espantando as pessoas que não cogitavam a possibilidade de fazer o transporte de um cadáver. Essa situação é, em certa medida, uma espécie de prenúncio do destino que a máquina teria ao seu lado, bem como da sequência de fatos desagradáveis que teria de enfrentar ao longo da vida.

Aguardando a retirada do caixote do cais, pensava que de fato era como se estivesse cuidando e carregando um defunto: “Seus sonhos estariam mortos ali? Viera ao Rio somente para enterrá-los de uma vez ou haveria a chance de mostrar ao mundo a sua invenção?” (SANCHES NETO, 2012, p. 15). Mas o padre era persistente e não se deixou abalar pelas dificuldades que vivera até então. Com esse propósito é que foi:

110

Empreendia aquela viagem para mostrar à Corte do que a inteligência nacional era capaz. A inteligência e a persistência. Como tudo aqui era difícil, fazia-se necessário cultivar as ideias fixas. Todo homem com verdadeira capacidade criadora devia ser teimoso. E isso ele era. (SANCHES NETO, 2012, p. 15)

Os costumes e a vida na Corte não agradavam Azevedo. Ele ansiava por mudanças mais significativas, não somente aquelas ligadas diretamente à vida das pessoas no seu dia a dia, como problemas estruturais da cidade e até mesmo a fome. Mas refletia sobre a possibilidade de mudanças em um ambiente onde a mão de obra escrava era tida como primordial para o desenvolvimento da economia.

Contudo, a “emancipação” do país tardou, de fato, a acontecer. A preocupação do governo imperial era mais em ser visto do que ver o que se produzia em terras brasileiras. Exemplo disso é o fato de Azevedo ter ficado muito entusiasmado com a viagem do imperador ao Recife, pois era uma oportunidade de seu invento ser visto e quem sabe despertar interesse para a Corte.

Mas essas viagens que o monarca passa a empreender pelo Brasil estão mais ligadas ao fortalecimento do poder real: “Com as viagens, a realeza só aumentava a sua visibilidade, como simbolicamente o monarca tomava posse de seu vasto território. ‘Ver e ser visto’: eis uma nova lógica que implica unificar, também, a nação.” (SCHWARCZ, 1998, p. 104).

É nesse sentido que Azevedo lembrava com certa tristeza da visita de D. Pedro II ao Recife, do quão indiferente o imperador se mostrou diante das riquezas que muitos homens queriam mostrar ao visitante tão ilustre:

O que queria o imperador? Falava só o necessário, denunciando pouco os sentimentos. Percorria o país com que olhos? Participou das festas com semblante impassível, o mesmo que mostrava nas visitas a fábricas, escolas, propriedades. Não ficou mais que uns minutos na sala do Arsenal de Guerra onde a máquina taquigráfica estava sendo construída, e já seguiu para ver outras coisas. É assim a curiosidade política. Não se detém em nada. Ele gastava anos de trabalho, fazia sacrifícios, e tudo era visto em dois ou três minutos. Mas agora haveria a exposição. (SANCHES NETO, 2012, p. 16-17)

111

Essa passagem reforça a insistência do padre em mostrar seu grande feito, uma máquina destinada à escrita. Se no Recife o imperador não se deteve no seu equipamento ainda em construção, agora, na Exposição Nacional, no Rio de Janeiro, era o momento certo de receber o merecido reconhecimento de D. Pedro II. Além da possibilidade de sua máquina ser selecionada para a Exposição Universal, em Londres.

Contudo, seguindo essa “viagem” empreendida pela personagem central do romance, o sonho de ver a nação no rol da modernização que viviam os países mais desenvolvidos, esbarrava em problemas de várias ordens. Um deles, ao passar pelo Ouvidor, uma rua estreita que parecia mais uma galeria a céu aberto do que uma rua convencional, o padre deduzia que aquele lugar caracterizava a civilização: “reduzida às suas novidades, um outro império, o da moda. Só o que vinha de fora existia para a rua do Ouvidor, principalmente as mulheres francesas nas lojas e nos hotéis de artistas, porque urgia viver em Paris” (SANCHES NETO, 2012, p. 19).

Uma parte da sociedade vivia em uma condição e com ideias que destoavam totalmente na vida no Brasil. Algumas manifestações nacionais não condiziam com a realidade brasileira e de outros países que sofreram o processo de colonização. Havia uma tentativa de transpor ideias que não se adequavam em território nacional. Sobre isso, Roberto Schwarz diz que:

Brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter *posticho*, *inautêntico*, *imitado* da vida cultural que levamos. Essa experiência tem sido um dado formador de nossa reflexão crítica desde os tempos da Independência. [...] No século XIX se comentava o abismo entre a fachada liberal do Império, calcada no parlamentarismo inglês, e o regime de trabalho efetivo, que era escravo. (SCHWARZ, 1987, p. 29)

São resquícios do período de colonização, até porque a Independência trouxe uma nova organização em alguns quesitos, mas a exploração da mão de obra continuava a mesma. A partir desse exemplo nota-se que não eram autênticas as situações postas em jogo na sociedade. Ainda assim, havia os que acreditavam em mudanças, assim como Azevedo. O que fortalece esse pensamento é um diálogo do padre com José Frederico Rischen, também expositor. Nessa conversa se percebe a perspectiva diante da notoriedade que o país poderia receber com o evento que estava prestes a acontecer, a Exposição no Rio de Janeiro:

O senhor está aqui porque criou algo. Representa a nossa inteligência.

– Deste jeito, tudo fica bonito. Mas a verdade é que a inteligência carece de valor. E a ela não se destina quase nada além de palavras.

– Não foi minha intenção, Rischen disse, com voz desinflada.

– Não, não estou falando do senhor. Em minha terra, até hoje, só tenho recebido elogios.

– Tudo pode mudar. Quando nossos produtos chegarem à exposição Universal, seremos um país respeitado também pela indústria, pelos inventos. Seremos um país de fato independente.

– Um país que quer conquistar a independência econômica com o trabalho escravo.

– Também isso está se modificando. E esta exposição talvez ajude a pôr fim à escravidão. (SANCHES NETO, 2012, p. 23-24)

Essa última frase resume a estagnação do país, vivendo em uma era moderna e ansiando por um processo de modernização, mas em contrapartida ainda se valendo da mão de obra escravocrata. Um sistema inaceitável para uma nação ser considerada civilizada.

Uma peculiaridade que este romance traz diz respeito a sua forma. Há, no primeiro capítulo, algumas passagens que se desvinculam da matéria narrada. Parecem mais notas jornalísticas. Em “Escravo fugido” tem-se:

Fugiu no dia 3 do corrente um escravo de nome Roque. Ainda calçado, de relógio ou fita, somente fingindo. De estatura ordinária, corpo um pouco reforçado, pisa com os pés para fora e com os joanetes dos pés, porque esteve quase aleijado por bichos. Rosto comprido. Quem o levar à rua do Fogo, nº 17, será gratificado. Protesta-se contra quem o tiver acoitado. *Diário do Rio de Janeiro*, 10 de dezembro de 1861. (SACHES NETO, 2012, p. 41)

Mais uma vez a questão da escravidão é posta em tela, mas agora através do discurso jornalístico. Outro exemplo dessa formação da obra *A máquina de madeira*, está em “Breve notícia sobre o Império do Brasil”:

113

Jacarandá

Foi exportado no valor de 995:787\$, sendo as matas de sua maior produção nas províncias do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que o exporta pelo rio Mucuri. *Diário de Pernambuco*, 1867. (SANCHES NETO, 2012, p. 154)

Nessa passagem o que está sendo discutido é o fato de haver demasiada exportação da madeira brasileira. Assim, o romance como gênero maior é capaz de abrigar outros subgêneros em sua composição artística.

Isso vem ao encontro do que propõe Mikhail Bakhtin (2014). O autor salienta que o romance, por ser um gênero moderno e ainda não possuir formas estilísticas rigorosamente definidas, pode ser composto por subgêneros, como é o caso desse romance de Sanches Neto, pois insere notas jornalísticas, uma formação não romanesca, dentro desse discurso.

Nesse sentido de seguir os passos do padre nessas “viagens” que ele empreende, do Recife ao Rio de Janeiro, observa-se os detalhes que compõem os preparativos para a exposição, incluindo a preocupação com o

deslocamento da família imperial para comparecer ao evento, até porque o Imperador vê esse momento como resultante do progresso do Brasil.

É interessante o que o romance vai delineando do país, pois em uma sequência mostra os preparativos para uma festa que situaria a nação junto às demais, civilizadas; e continua a narrativa descrevendo os miseráveis que se aglomeravam fora do palácio, em que o padre se hospedara, mendigando comida.

Isso corrobora com as representações de modernidade e modernização e todo o viés contraditório que as envolve. Dando mostras de um país rico, mas com homens pobres. Uma pobreza que não se restringe à fome e/ou às necessidades básicas, mas um estado de pobreza proveniente daqueles “mais preparados”, que não se consideravam homens do povo, apenas.

Contudo, segundo o padre, essa exposição poderia ser um evento para mostrar o quão agrícola era o seu país. O que de fato se confirmou ao final do evento, tendo mais sucesso os produtos naturais em detrimento de invenções e maquinários que auxiliariam no trabalho em lavouras, por exemplo.

114

Essa visão de Azevedo demonstra as ações de personagens históricas que, segundo Lukács, têm papel secundário na trama, pessoas que expressam paixões, fraquezas, enfim, inclinações humanas. Além do que não ser possível colocar a personagem principal em um pedestal, entroná-la, o que a tornaria pronta. Esse não é o caso, pois ela deve fazer parte das crises e representá-las em ações que saem de uma situação de conforto, exatamente o que o padre vive.

Ele observa a civilização em meio à rudeza, ao primitivo ainda. Chegando à escola que estava abrigando a Exposição Nacional, percebeu o forte cheiro de urina e pensou: “Somos um pântano. Por mais que acrescentemos melhorias, continuariam a existir esta e outras aberrações” (SANCHES NETO, 2012, p. 51).

O romance traz uma vasta descrição de toda a pompa destinada à comemoração do aniversário do imperador e com a abertura da primeira Exposição Nacional. Essa festa foi vista por Azevedo que, a convite do Bispo, foi até o Paço Imperial. Nesse evento os presentes:

Gritavam vivas à nação, às altezas, e à indústria nacional. Ouvia-se, tanto do lado de fora, nos coretos, quanto do lado de dentro, o hino encomendado ao maestro Carlos Gomes, a “Marcha da Indústria”, executado pelas bandas militares. E a música apoteótica fez com que todos, até padre Azevedo, acreditassem no futuro do país. (SANCHES NETO, 2012, p. 79)

D. Pedro II seguia pela exposição com um olhar superficial sobre os inventos, acreditava mesmo que o futuro do país estava pautado na ciência. Mas nutria a ideia de mostrar a soberania da Corte em relação à província: “arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, isso tudo aliado à importação dos bens culturais retificados nos produtos ingleses e franceses” (SCHWARCZ, 1998, p. 111). Por viver sob os costumes de fora é que não havia tanto interesse em ter algo genuinamente brasileiro, exceto o que a natureza provia, bem melhor aqui do que em muitos outros países.

115

Se por um momento Azevedo acreditou no futuro do país, mudou de ideia após a visita do imperador pela exposição. Diante da sua máquina taquigráfica, D. Pedro II fez uma parada muito breve, sem grande interesse pelo que via diante de seus olhos. Isso fez com que o padre ficasse envergonhado de pensar na possibilidade de que sua máquina fizesse muito sucesso, despertando interesse e “que todos gostariam de falar com ele, para conhecer como chegara àquela ideia e os melhoramentos que pretendia fazer para tornar a escrita mais veloz. E o tempo dedicado a ele foram uns minutos” (SANCHES NETO, 2012, p. 81).

Refletindo sobre essa visita tão rápida, o padre ficou pensando no que realmente era importante naquela exposição. Os recursos naturais, em especial as madeiras, os minérios, os avanços da indústria local, dominada pelo barão de Mauá, por exemplo, chamavam a atenção dos que passavam por ali.

Depois disso Azevedo se sentia ainda mais sozinho na Corte, naquela cidade, naquele país. Ele não cabia naquele mundo que não partilhava das suas ideias. Segundo o padre, ser inventor no Brasil, naquele período retratado, do século XIX, despertava curiosidade e não interesse:

As pessoas queriam acompanhar os avanços de seus projetos. E depois espalhavam na cidade que o padre construía isto ou aquilo. Assim, embora reservado por temperamento, ele vivia exposto à curiosidade, e suas ideias eram reconhecidas antes de se materializarem, talvez este fosse o preço de ser inventor num país de agricultores, poetas e políticos. (SANCHES NETO, 2012, p. 105)

Em várias passagens da obra é possível perceber o quanto o padre era crítico em relação a atual conjuntura social do Brasil oitocentista. Para ele, o trabalho escravo deveria ser abandonado o quanto antes e o ideal seria se investir em uma formação de artífices, por exemplo. Isso poderia ser uma maneira de conferir às novas gerações, conhecimento que impulsionasse uma melhora na vida de todos.

## 116

### **Do Recife a Nova York**

Na segunda parte de *A máquina de madeira*, os subcapítulos são numerados e nomeados de 1 a 17. Nesse momento não há mais as notas jornalísticas, e aquelas narrativas (lembranças escritas em itálico) aparecem algumas vezes compondo esses subcapítulos. A partir desse ponto do texto de Miguel Sanches Neto, o padre já voltou para o Recife e está ao lado de Benedita e a filha, deixando para trás a decepção que teve no Rio de Janeiro. O sonho interrompido lá, agora se transformara em algo menor. Queria obter financiamento para fundir a máquina, apenas.

Para tanto, ele tenta, junto à Assembléia, conseguir financiamento para fundir e reproduzir a máquina capaz de captar discursos, inclusive os feitos nessa mesma casa. Contudo, Azevedo achava que registrar, por exemplo, essas falas de políticos na Assembléia, seria uma tarefa inglória. Isso fica claro em determinada passagem quando um de seus ajudantes, um menino, questiona-o pelo motivo do riso, no que ele responde que está rindo

da maneira com que os deputados discutem, pois eles têm intenções que nem sempre podem ser entendidas pelas pessoas. São discursos que não contribuem para melhorar a sociedade. Não passam de ideias infundadas e registrar isso, de acordo com o padre, seria perder tempo. Ainda assim Azevedo queria aprimorar a escrita, além de elevar o nome do Brasil diante de uma invenção revolucionária.

Segundo o padre, a modernização que vinha acontecendo naquele período estava relacionada à substituição da madeira pelo ferro. Janelas, grades e pontes eram trocadas por novos modelos. Nessa perspectiva é que Azevedo via a possibilidade de ver seu invento de jacarandá transformado em uma peça de ferro. Para tanto, visitou algumas fundições, mas o que viu foi reproduções do que se tinha lá fora. O engenheiro que o acompanhava

Mostrava apenas a capacidade de produzir essas máquinas nos trópicos, o que nem chegava a ser uma distinção, pois os responsáveis pelo trabalho vinham da Europa. Já a sua máquina taquigráfica, conquanto ainda sem aplicação prática, era uma criação original. Ele tinha estudado o sistema do telégrafo e aplicado o mesmo conceito em um móvel que pudesse funcionar como tipografia portátil.

– Os que se adiantam a seu tempo não são percebidos – foi tudo o que disse. (SANCHES NETO, 2012, p. 168-169)

117

Essa é uma situação até hoje vivenciada. Trata-se de agregar valor ao que vem de fora, como se algo genuinamente brasileiro não pudesse ser valorizado e ter um bom potencial em território nacional. Até mesmo a madeira, um recurso natural, que teve uma extração descontrolada, agora era importada: “Era doloroso andar pela cidade tomada por esses produtos estrangeiros. E ainda ia ler no Jornal do Recife mais um anúncio de madeiras vindas da Europa. Madeiras brancas e macias, crescidas em regiões de temperaturas amenas” (SANCHES NETO, 2012, p. 172).

A reflexão de Azevedo sobre a “indignação” de importar algo que aqui se tinha é ainda perceptível na contemporaneidade, pois se confere valor ao que é importado em detrimento do nacional. Nesse sentido, é feito um aproveitamento do que propõe Linda Hutcheon (1991). Para a autora, as narrativas contemporâneas trazem em sua estrutura um caráter contraditório

no sentido de promover uma crítica dentro do sistema em que se inserem: “Não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, a ressurreição de um vocabulário de formas arquitetônicas criticamente compartilhado” (HUTCHEON, 1991, p. 20). De acordo com a autora, essa análise crítica vai atuar dentro das próprias convenções justamente para subvertê-las. Isso ocorre no romance de Sanches Neto, mesmo entendendo a posição do padre inventor mais de caráter artístico do que de produtor. Assim, propõe uma crítica dentro do sistema em que se situa, ou seja, diante do suporte da escrita, uma máquina de escrever.

Uma das críticas, na sequência da narrativa, está relacionada às tentativas vãs do padre em busca de financiamento para a fundição da máquina. A exigência era sempre a mesma, garantia:

- A maior garantia que tenho é a minha máquina.
- O senhor há de entender que a Assembléia deve seguir normas. Uma comprovação de renda ou algum patrimônio. O senhor possui uma casa, creio eu.
- Muitas.
- Apenas uma delas seria suficiente. O dinheiro reservado ao senhor está conosco, basta providenciar o documento, que coloca a casa como garantia do empréstimo.

Em todas as casas morara sempre de aluguel, o que não o tornava menos proprietário delas. Mas no mundo dos homens de negócios, dos funcionários públicos, esta posse não era reconhecida. (SANCHES NETO, 2012, p. 175)

Essa passagem mostra mais uma tentativa vã de fundição da máquina taquigráfica, pois ele não possuía nenhum bem que pudesse deixar a quem se propusesse a tal empreendimento. Mostra, ainda, a importância, não diferente do que se tem hoje, de garantias para empreender algo. Essas são especificações que a modernidade traz, com esse caráter contraditório, pois transitar por esse “mundo” é ver que as criações humanas têm muitas limitações. A certeza é de que não será possível conhecer, de fato, o passado, pois o que se tem são fragmentos. Nesse sentido, citando Aristóteles, Hutcheon argumenta que:

O historiador só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu, a respeito dos pormenores do passado; por outro lado, o poetaalaria sobre o que poderia acontecer, e assim poderia lidar mais com os elementos universais. Livre da sucessão linear da escrita histórica, a trama do poeta poderia ter diferentes unidades. (HUTCHEON, 1991, p. 142)

Essa especificidade da narrativa, diferentemente do discurso relacionado à história oficial, está expressa ao longo do romance de Sanches Neto. Na obra em análise o padre procura deixar em evidência as vantagens que a máquina poderia proporcionar ao país. Não apenas no desenvolvimento da escrita mecânica, mas também pelo fato de ser um feito de grande importância pensado, planejado e construído por um brasileiro, apenas.

Dessa maneira, pode-se dizer que *A máquina de madeira* segue no sentido mais de “usar” a história do padre e seu feito, como um pano de fundo do contexto que a obra traz, do que o de reconstruir uma “verdade” histórica desse padre inventor da máquina de escrever.

119

Sem sucesso para o financiamento, esse equipamento fica praticamente abandonado, assim como Benedita e a filha. Para demonstrar esse fracasso, há uma antecipação do texto, em que o narrador apresenta Aragão e Melo (amigo do padre) acomodando Benedita e a filha dela, Maria, em um casebre. Elas são acolhidas ali depois da morte de Azevedo. Uma ex-escrava que prestou serviços ao padre durante um longo período da vida dele foi, segundo disse o próprio padre, “devolvida à senzala” (p. 193), na casa do amigo. É uma discussão diretamente ligada à identidade nacional, aliada a fatores de cor e raça, em um período que o negro era visto como subalterno em relação ao branco.

Aliás, durante o velório do pai de sua filha, a ex-escrava agiu como uma empregada da casa desse amigo. Tanto ela como a filha não participaram do enterro, foram se despedir do defunto depois da cova ser fechada. Uma negra e uma mulata, chorando para o nada, pois não sabiam ao certo onde estava o defunto. Parecia que choravam para alguém que nunca existiu. Benedita, logo depois da perda do seu “protetor”, teve a companhia da filha, depois só a da máquina. Mais uma vez o grande invento

do padre é mostrado órfão. Agora tanto de dono como de perspectivas de sucesso.

Mas ainda assim havia curiosos, pois durante o transporte da máquina para esta pequena casa, na qual Benedita foi morar, houve uma grande movimentação e curiosidade para com aquele equipamento.

Era a maior demonstração de carinho por ela. Nem mesmo na Corte [...] ela teve recepção tão calorosa, segundo lhe contara Azevedo. E foi preciso que ele morresse, que ela se mudasse para aquele lugar distante, em uma terra que não era sua, embora ela tivesse acostumada a viver em lugares que não fossem seus, para que o invento recebesse algum reconhecimento. (SANCHES NETO, 2012, p. 189-191)

Na verdade, a máquina nunca esteve no lugar que deveria. Assim como as ideias de seu inventor nunca foram reconhecidas. A admiração das pessoas agora, naquele lugar distante do que se convinha chamar de civilização, era para com um piano. Isso mesmo, as pessoas achavam que se tratava de um piano. Benedita, por sua vez, não desfez o falatório e também não quis “tocar” um pouco para as pessoas conforme solicitaram a ela.

120

Voltando ao fluxo narrativo, antes de o padre morrer, aos sessenta e cinco anos, ele diz querer que isso aconteça na sua cidade natal. Recusa o apoio de amigos para passar um tempo na Europa, pois o clima ajudaria a aliviar algum problema de saúde. Contudo, decidiu fazer o caminho de volta, de onde viera. Já não tinha mais pelo que lutar:

A Remington já produzia comercialmente a sua máquina, ou uma máquina feita a partir da sua, e não havia mais razão para continuar tentando fundir aqui ou em outro lugar. A paternidade lhe fugira. Se o mundo não sabia quem era o principal inventor da máquina de escrever, uns poucos amigos e ele próprio sabiam. (SANCHES NETO, 2012, p. 192)

Ele se resignava em saber que, de alguma maneira, havia contribuído para a evolução das técnicas. O seu invento não se encaixou nas possibilidades locais da época. Uma tecnologia que não era a premissa para o momento vivido pelo Brasil oitocentista. Segundo Azevedo, o “roubo” salvou sua máquina. Não fossem os americanos talvez ela nunca tivesse se transformado na precursora da escrita mecânica que se aprimorou ao longo

das décadas subsequentes. Ele “não odiava o norte-americano que enfim dera sentido à sua existência. Toda posse intelectual é um roubo. Roubais-vos uns aos outros, era o mandamento da ciência. Sem roubo, não há progresso” (SANCHES NETO, 2012, p. 192).

É em Nova York que a máquina de escrever é fundida pela Remington. Os amigos Desdemore e Yost vinham aprimorando o invento desde 1868 e agora, em 1873, conseguiram de fato fundi-la em aço. Ela alcançou grande sucesso quando Philo Remington contratou os direitos de produção e comercialização do equipamento e era “a maior invenção depois da prensa de Johannes Gutenberg. Um invento só passa a existir quando adotado pela indústria” (SANCHES NETO, 2012, p. 219). Isso confirma que, embora tudo parta de uma ideia, é preciso muito mais do que isso para atingir valor significativo em um mercado industrial/comercial.

Foi com essa visão de expansão e comercialização de bens, que Yost estava do Recife vendendo equipamentos agrícolas e, movido pela curiosidade, decidiu procurar o padre inventor, até porque em seu país já tinha visto algumas tentativas de produção de uma máquina para este fim, mas sem sucesso.

121

O americano ficou instigado com a aparência da casa de Azevedo. Ela em nada se parecia com aqueles ambientes onde os inventores trabalhavam: “Ao chegar à casa do inventor, modesta demais para um homem da ciência, ele teve uma sensação ruim. Não encontraria ali a solução para a escrita mecânica” (SANCHES NETO, 2012, p. 238). Era tudo muito simples, com um aspecto doentio, igual ao do padre.

Yost passou a frequentar a casa de Azevedo, insistindo que este deveria ir aos Estados Unidos para o aprimoramento da máquina, prometeu ajuda em todos os sentidos, até mesmo estipulou valores. Dinheiro que fez com que Azevedo sonhasse em comprar uma casa. A cada visita era um interrogatório sobre o processo de funcionamento, quis saber sobre o plano de construção. E ingenuamente Azevedo entrega a ele os papéis com anotações da evolução da máquina taquigráfica à de escrever. Munido dessa documentação, Yost nunca mais voltou à casa do padre:

Cinco anos depois, alguém trouxe um jornal sobre o grupo que criou a Remington nº 1, e lá estava o nome de um dos inventores, George Washington Yost. Havia uma imagem da máquina, toda de ferro, com uma base que lembrava as máquinas de costura. Não era a sua máquina. Apenas uma bisneta bastarda dela. (SANCHES NETO, 2012, p. 242)

Azevedo fora ludibriado pelo americano, acreditou nas promessas e acabou revelando muito sobre seu maior invento. Assim, mais uma vez há a “extração” do bem nacional, em prol de muitos, mas sem as glórias que o país deveria receber e mais ainda, que seu inventor deveria ter. Conforme Santiago (2004), é o caso de contar com a ideia de alguém – ou se apropriar dela – de um país periférico sem acolhê-lo na nação mais desenvolvida. Isso se ajusta ao fato de a ação multicultural ser: “ação de homens brancos para que todos, distintamente sejam disciplinarmente europeizados como eles” (SANTIAGO, 2004, p. 54), ou americanizados, como foi com esse acontecimento.

122

No último subcapítulo do livro Azevedo escuta um zumbido e descobre se tratar de cupins, os quais estavam comendo a casa inteira. Esses insetos devoravam tudo com muita rapidez, sentia que seu próprio corpo estava sendo consumido por eles e pensou que esse poderia ser o Juízo Final, estrume de inseto para gerar florestas. Então: “A. se levantou, agora o barulho era muito mais intenso parecia a engrenagem furiosa de um motor, e tentou os primeiros passos de fuga, sentindo os seus ossos se desmontarem, como um telhado de madeira podre que” (SANCHES NETO, 2012, p. 245).

Assim termina a narrativa, com a impressão de que falta um complemento na frase. Não há ponto final, como se o padre, a casa em que estava, sua invenção, seu papel de pai e marido e sua função de padre tivessem sido devorados pelos cupins. Metaforicamente esses insetos representam o outro. Aquele que explorou a nação, “devorou” a madeira brasileira, assim como ainda se faz.

### **Conclusão**

A partir das figurações de seres e de épocas, condicionadas e organizadas intencionalmente por alguém, as narrativas contemporâneas colocam em

jogo o caráter histórico de ver o passado com incerteza, pois não há uma verdade para os fatos, eles são fragmentados. É com essa perspectiva que a modernidade delinea um caminho no entendimento de que nada é certo, tudo é passível de mudança, até porque esta é uma “era” ainda em andamento.

É nesse sentido que o romance histórico, tal qual se discute neste trabalho, com uma visão de voltar ao passado para pensar do tempo presente, vai delinear a história de vida desse padre, um órfão do início ao final da narrativa. Ficou órfão logo cedo, inventou e construiu uma máquina (protótipo da máquina de escrever) sozinho, sobre a qual não pode receber o mérito da invenção, uma vez que pessoas de fora no Brasil desenvolveram o equipamento destinado à escrita.

É uma narrativa de viagens que traz os ideais de uma nação os representados por Azevedo. Nesses percursos são descritos os momentos e lugares pelos quais o padre viajou com sua máquina, além daquelas viagens que nunca aconteceram, foram apenas sonhadas ou interditadas. Ainda, a sua ideia foi para o exterior, para os Estados Unidos – onde a máquina foi fundada.

123

Tanto a personagem principal, quanto a sua máquina são os elementos norteadores desse texto de Miguel Sanches Neto, pois há outros fatores que mostram o atraso do Brasil em relação às nações do Norte. O invento do padre não pôde ser considerado um registro do próprio do progresso brasileiro conforme se previu. Isso mostra a estagnação da ciência, tecnologia e cultura que poderiam ter sido os precursores de um grande avanço nacional, ou seja, são boas ideias vistas com mediocridade pelos detentores do poder.

Nesse sentido, o caráter de arte histórica nesse romance é precisamente mostrar uma personagem que pertenceu ao rol da história nacional, viveu e reviveu acontecimentos de épocas passadas. Azevedo é posto em jogo, pensando no que propôs Lukács, através de uma manifestação literária de escritores que buscam na evolução de personalidades históricas, aquelas que possam incorporar e representar as

ideias do passado, além de refletir sobre questões atuais. Portanto, problematizar o padre Francisco João de Azevedo, dentro de uma perspectiva de romance histórico, é reforçar a ideia de olhar o passado para ver e/ou rever questões que ainda são latentes na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. “Epos e romance”. In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 7. ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Hucitec, 2014, p. 397-428.

FERNANDES, Carlos. *Padre Francisco João de Azevedo: biografia* (sem data). Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/FranJAze.html>>. Acesso em: 12/3/2019.

HUTCHEON, Linda. “Metaficção historiográfica: ‘o passatempo do tempo passado’”. In: \_\_\_\_\_. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 141-162.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

SANCHES NETO, Miguel. *A máquina de madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Vida e obra*. Disponível em: <<http://miguelsanches.com.br/>>. Acesso em: 3/3/2019.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

125

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WEINHARDT, Marilene. *A ficção histórica depois de 2010: primeiros apontamentos*. Cadernos Literários, v. 23, n. 1, p. 121-135, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/usuario/Downloads/5499-16052-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10/5/2016.

## RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações da modernidade e da modernização em *A máquina de madeira*, de Miguel Sanches Neto. Essa obra põe em xeque o Brasil do Segundo Império com críticas às suas políticas sociais, tecnológicas e culturais, na tentativa de superar os entraves relegados pelo regime colonial e escravocrata. Nessa perspectiva, investe-se na trajetória do protagonista, o padre Francisco João de Azevedo. Os ideais empreendidos por essa personalidade ficcionalizada funcionam como paradigma de um Brasil que quer se modernizar, mas que não se enquadra em um modelo importado, eurocêntrico.

**Palavras-chave:** Modernidade e Modernização; Romance Histórico; Miguel Sanches Neto.

**ABSTRACT:**

This work aims to analyze the modernity and modernization representations in *A máquina de madeira*, by Miguel Sanches Neto. This book challenge the Brazil of the Second Empire by criticizing its social, technological and cultural policies in an attempt to overcome the obstacles relegated by the colonial and enslaver rule. From this perspective, it invests in the protagonist's trajectory, the typewriter inventor, a priest named Francisco João de Azevedo. The ideals undertaken by this fictional personality function as a paradigm of this Brazil which wants to modernize, but which does not fit into an imported, Eurocentric model.

**Keywords:** Modernity and Modernization; Historical Novel; Miguel Sanches Neto.

Recebido em: 28/8/2019

Aceito em: 5/11/2019